

O acidente de trabalho na voz dos operários: considerações sobre o testemunho e memória em uma obra de Antonio Possidonio Sampaio

- El accidente de trabajo en la voz de los trabajadores: consideraciones acerca de el testimonio y la memoria en una obra de Antonio Possidonio Sampaio
- Occupational accident through the workers' perspective: considerations about testimony and memory in a book by Antonio Sampaio Possidonio

Ettore Dias Medina¹

Resumo: Este artigo investiga três relatos da obra “A capital do automóvel: na voz dos operários”, publicada em 1979 pelo escritor, advogado e jornalista Antonio Possidonio Sampaio. O livro é composto por vinte e cinco depoimentos colhidos em forma de entrevistas, e resulta da convivência do autor com trabalhadores da região do Grande ABC Paulista. Os relatos investigados têm o acidente de trabalho como tema principal. A interpretação dos relatos está baseada em categorias das ciências sociais, história, filosofia e psicologia. Defendo que a obra pode ser lida através da perspectiva teórica do testemunho. A narrativa de testemunho possibilita um passo importante na elaboração de experiências traumáticas, que são aquelas em que a pessoa vivenciou uma situação na qual o real excede a capacidade de assimilação. É justamente o excesso de realidade que ocasiona o trauma. Os acidentes de trabalho investigados levaram as vítimas a passarem

1 Doutor em Ciências Sociais pela UNESP-Araraquara. Professor da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.

pelo trauma. Pessoas que vivenciaram esse tipo de experiência sentem necessidade de narrar. Antonio Possidonio Sampaio, ao ouvir os trabalhadores, deu a eles a chance de contarem suas histórias e avançarem no processo de elaboração das experiências traumáticas.

Palavras chave: Acidente de trabalho. Classe trabalhadora. Antonio Possidonio Sampaio.

Resumen: Este trabajo investiga tres informes de “A capital do automóvel: na voz de dos operários”, publicado en 1979 por el escritor, abogado y periodista Antonio Possidonio Sampaio. El libro consta de veinticinco declaraciones recogidas en forma de entrevistas y resultados de la vida del autor con los trabajadores de la región del Gran ABC Paulista. Los informes han investigado el accidente como el tema principal. La interpretación de los temas en los informes se basa en categorías de las ciencias sociales, la historia, la filosofía y la psicología. La narrativa de testimonio proporciona un paso importante en la elaboración de experiencias traumáticas, que son aquellas en las que la persona experimentó una situación en la que lo real excede la capacidad de asimilación. Es precisamente el exceso de realidad que causa trauma. Los accidentes de trabajo investigados condujeron a víctimas que pasaron por el trauma. Las personas que han experimentado este tipo de experiencia sienten la necesidad de narrar. Antonio Possidonio Sampaio, escuchando a los trabajadores, les dio la oportunidad de contar sus historias y avanzar en el proceso de elaboración de experiencias traumáticas.

Palabras clave: Accidente de trabajo. Clase obrera. Antonio Possidonio Sampaio.

Abstract: This paper exams three accounts in the book “A capital do automóvel: na voz dos operários,” published in 1979 by the writer, lawyer and journalist Antonio Sampaio Possidonio. The book consists of twenty-five testimonies collected in the form of interviews, and it results from the author’s acquaintance with the workers in the ABC Region. Occupational accident is the main theme of the three accounts examined. Their interpretation is based on categories from the social sciences, history, philosophy and psychology. This paper argues that the accounts can be read through the theoretical perspective of testimony. The worker’s narratives provide an important step towards the elaboration of traumatic experiences, those in which the person experiences a situation in which the real exceeds the assimilation capacity. It is precisely the excess of reality that causes trauma. The examined occupational accidents led the victims to go through the trauma. People who have undergone this kind of experience feel the need to narrate. Antonio Possidonio Sampaio, by listening to the workers, gave them an opportunity to narrate their stories and move forward in the process of traumatic experiences.

Keywords: Occupational accident. Working Class. Antonio Possidonio Sampaio.

Neste artigo investigo a obra “A capital do automóvel: na voz dos operários”, publicada em 1979 por Antonio Possidonio Sampaio. O livro é composto por vinte e cinco depoimentos colhidos na forma de entrevistas, e resulta da convivência do autor com trabalhadores da região do Grande ABC Paulista. Sampaio conversou com trabalhadores de idades diferentes, com posições políticas e visões de mundo distintas, que falaram sobre muitos aspectos da vida cotidiana na cidade de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo.

Ao prefaciar o livro, Maurício Soares de Almeida afirmou que, diferentemente do que apregoavam as autoridades da época, São Bernardo do Campo era uma cidade de contrastes. Assim, o imenso parque industrial crescia na mesma velocidade em que aumentava o número de favelas (ALMEIDA, 1978, p.10). Nesse contexto, mesmo os trabalhadores empregados na indústria automobilística muitas vezes eram obrigados a morar em favelas. Alguns dos fatores que levaram operários e familiares a procurarem essa forma de habitação serão discutidos nas análises das narrativas. Os depoimentos colhidos trazem um desenho coletivamente construído do modo de vida dos trabalhadores daquela cidade contraditoriamente desigual, mostrando seus dramas, anseios, sofrimentos e ideias para combater a opressão vivenciada nas fábricas e nas ruas.

Maurício Soares de Almeida vê o livro como um grito a favor dos marginalizados. Ainda segundo o prefaciador, o advogado e jornalista Antonio Possidonio Sampaio, ao tomar emprestada a voz do operário, da operária e dos marginalizados “põe para fora um coração angustiado e sedento de justiça. É uma denúncia densa, grave, e profundamente humana” (ALMEIDA, 1979, p. 9). A diversidade de temas abordados pelos trabalhadores e trabalhadoras entrevistados por Antonio Possidonio Sampaio permite diferentes interpretações do livro. Optei por trabalhar com as narrativas contadas por três trabalhadores que sofreram acidentes de trabalho. A opção se justifica pelo fato de o tema do acidente ser mencionado em muitos dos relatos do livro, inclusive por pessoas que não o sofreram, mas que contaram a história de algum amigo ou parente que dele foram vítima. Defendo que “A capital do automóvel: na voz dos operários” é uma obra de testemunho². Antonio Possidonio Sampaio se valeu de sua militância de longa data e de seu amplo conhecimento sobre os problemas dos trabalhadores para colher os relatos e

2 O acidente de trabalho é uma forma de violência. O fato de esse mau acontecimento ser recorrente nos relatos, e ter centralidade naqueles que foram investigados, foi um dos principais motivos que me levaram a aproximar o livro de Antonio Possidonio Sampaio do universo da literatura de testemunho. A narrativa de testemunho possibilita um passo importante na elaboração de experiências traumáticas, que são aquelas em que a pessoa vivenciou uma situação na qual o real excede a capacidade de assimilação. É justamente o excesso de realidade que ocasiona o trauma. O acidente de trabalho, além de ser uma forma de violência, leva a vítima a passar pelo trauma. Quem vivencia o trauma sente necessidade de narrar. Antonio Possidonio Sampaio, ao ouvir os trabalhadores, deu a eles a chance de contarem e serem ouvidos.

passar as palavras adiante³. Ao ouvir, transcrever os relatos e os organizar em forma de livro⁴, agiu como um intelectual solidário à classe trabalhadora.

A história do bilheteiro

Já na primeira frase do relato o leitor toma contato com um exemplo de situação de pobreza e insegurança social que foi enfrentada por muitos trabalhadores aposentados em decorrência de acidentes de trabalho durante o período da ditadura civil-militar. “Com esse auxílio que ganho da Caixa, meu filho, eu já teria batido as botas” (SAMPAIO, 1979, p. 44). Na frase o trabalhador assinala sua situação atual como aposentado por invalidez, um acidentado no trabalho. Como o valor de sua aposentadoria não cobria as despesas necessárias para sua sobrevivência encarou uma das poucas atividades que restam para sujeitos que se tornaram inválidos para o trabalho braçal em decorrência de lesões físicas no corpo: tornou-se vendedor de bilhetes de loteria. Antonio Possidonio Sampaio nomeia esse sujeito de “bilheteiro”.

Leio o depoimento do bilheteiro como um esforço de reconstituição de sua trajetória social e biográfica através da memória. Trata-se de um trabalho da memória, atividade que é, para Michael Pollak (1992, p. 203), indissociável da organização social da vida. As situações evocadas pela memória, a ordenação e disposição das situações no relato, e também as palavras utilizadas para relatar e nomear as situações ocorrem em função das preocupações pessoais da pessoa que lembra. A motivação pessoal da memória faz com que a volta ao passado tenha ligação com o sentimento de identidade, ou seja, com “o sentido da imagem de si, para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p.204). Tal ligação existe porque aquele que lembra constrói uma imagem de si impulsionada pelos aspectos da vida que vem à tona no esforço de rememoração. A investigação da memória de uma pessoa revela aspectos de sua trajetória social e de sua identidade.

A memória não é passividade, é uma forma organizadora (BOSI, 2004). O sujeito que lembra se posiciona em relação ao passado. No entanto, além das preocupações

3 A meu ver, a atuação do autor em jornais populares, e também como advogado especializado em acidentes de trabalho e moléstias profissionais fazia dele uma pessoa portadora de um bom conhecimento sobre os temas relatados e sobre as pessoas que relataram, característica que se mostrou muito importante para a realização do testemunho (RANDALL, 1992). No ensaio “Que é e como se faz um testemunho?”, Margareth Randall apresenta alguns procedimentos que são fundamentais para a boa realização do contato entre o intelectual solidário e as testemunhas que relatam as histórias. Para a autora (1992, p.30), quando o informante sente que está falando com alguém que compreende algo de sua vida e experiência, as possibilidades de ser instaurado um vínculo de confiança são maiores.

4 Os relatos colhidos por Antonio Possidonio Sampaio exemplificam a contradição percebida por Antonio Candido quando refletiu sobre as relações entre literatura e direitos humanos. Para o crítico, a grande racionalidade técnica e o domínio da natureza que a acompanham, embora pudessem, não serviram para sanar os problemas materiais dos homens. As palavras de Candido vão ao encontro do contexto desigual da cidade de São Bernardo do Campo: “em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição de bens” (CANDIDO, 2004, p.169). As vozes dos trabalhadores denunciam diferentes formas de desrespeito aos direitos humanos. Ao publicar os relatos em forma de livro, Antonio Possidonio Sampaio fez de sua produção cultural uma maneira de viabilizar aos trabalhadores de São Bernardo do Campo o direito de narrarem e de serem ouvidos.

pessoais que motivam a evocação das situações lembradas, é necessário mencionar os aspectos afetivos que interferem na forma da rememoração. Nesse sentido, Ecléa Bosi afirma ser importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação do passado. Isso deve ser feito porque esses caminhos são o mapa afetivo da experiência do sujeito e de seu grupo (BOSI, 2004, p.56). O ato de rememorar envolve escolhas voluntárias e involuntárias, lembrança e esquecimento, evocação e supressão. É também uma forma de criação, um trabalho que envolve aspectos estéticos e ficcionais.

Logo após falar de sua condição como aposentado, diz ter chegado a São Bernardo do Campo em 1958, “quando isto aqui era um subúrbio insignificante” (SAMPAIO, 1979, p.44). Essa cidade é uma referência de fundamental importância. É o lugar⁵ onde se encontra no momento em que fala com Antonio Possidonio Sampaio, sendo também o marco no qual se situa para reconstituir sua trajetória. Aqui, o espaço geográfico está imbricado à sua posição social e existencial. Ao relatar, organiza para si sua trajetória e expõe para seu interlocutor as situações e acontecimentos que o fizeram chegar à cidade de São Bernardo do Campo, local onde veio a se tornar bilheteiro.

É marcante no início do relato a alusão aos lugares percorridos até a chegada a São Bernardo do Campo. Tendo por origem o estado nordestino do Ceará, o trabalhador conheceu a migração muito jovem: “mas desde menino que ando por esse mundão a fora” (SAMPAIO, 1979, p. 44). A presença dos deslocamentos espaciais enquanto marcos importantes na trajetória social é uma característica do modo de vida de pessoas que, para Alfredo Moffatt, fazem parte da classe operária baixa. Os membros desse estrato da classe operária são levados a se deslocar em busca de trabalho (MOFFATT, 1983a, p. 74). O psicólogo afirma que a necessidade de deslocamento tem grande impacto na estruturação familiar dos trabalhadores, gerando instabilidade e desmembramento. Como veremos, a instabilidade familiar e o desmembramento estão presentes no relato do bilheteiro, caracterizando momentos importantes de sua vida.

Em meio à narração sobre as cidades e estados onde tentou se estabelecer, mencionará, pela primeira vez no relato, a palavra encontrada para nomear as situações desfavoráveis enfrentadas. Trata-se da palavra “destino”: “mas destino é destino, meu bom, e sujeito que tentar fugir dele aposto que se acaba antes do tempo” (SAMPAIO, 1979, p. 44). Na forma como foi inserida no discurso, precedida pela conjunção “mas” e enfatizada pela repetição, a palavra destino interrompe o fluxo do relato, gerando uma descontinuidade. Interrupção e descontinuidade são noções que, para o psicólogo Alfredo Moffatt, caracterizam a crise psicológica. Assim, quando o trabalhador diz destino, mostra um

5 Em suas reflexões sobre a memória, o sociólogo Michael Pollak (1992) visualiza a existência de três elementos que lhe são constitutivos: os acontecimentos, as personagens e os lugares. Os elementos constitutivos são importantes em meu trabalho de interpretação do relato que serve como suporte para a memória do recordador, e contribuem para o enquadramento das lembranças que trazem grande significação biográfica, aquelas que ordenam a disposição dos acontecimentos no processo de rememoração. Inicialmente, o lugar é o elemento constitutivo que tem mais força no trabalho da memória realizado pelo bilheteiro.

sintoma. A palavra destino remete às derrotas sofridas, às adversidades enfrentadas e às crises⁶ vivenciadas.

Após a primeira alusão à palavra destino, a apresentação dos deslocamentos espaciais realizados é retomada, sendo contada ao leitor a forma como o bilheteiro descobriu a existência da cidade em que se encontra enquanto relata: “Pois sim, em 58 estava me batendo aí pelo interior de São Paulo, quando uns chapas me falaram de São Bernardo” (SAMPAIO, 1979, p.44-45). Decidiu ir para essa cidade graças ao entusiasmo de um desses conhecidos. Dentre os lugares aludidos, dois têm grande importância afetiva para o narrador, justamente os que antecedem a viagem para a cidade do ABC Paulista.

Parte de minha família ficou enterrada em Marília. Primeiro foi a velha, no Paraná, depois os dois meninos, que eram meu braço direito. Os meninos, o Antônio e o Gildásio, nem gosto de me lembrar deles. O primeiro tinha dezenove anos. O outro dezessete. Meninos trabalhadores tavam ali. Eram o orgulho lá de casa (SAMPAIO, 1979, p. 45).

Nessa passagem, novos elementos constitutivos são incorporados ao processo de rememoração. Agora, além de focar os lugares, o narrador fala também de pessoas e acontecimentos. Lugar, pessoa e acontecimento são elementos que aparecem imbricados no relato, criando um suporte no qual situações dolorosas, excessivas, da ordem do traumático são dispostas ⁷.

A presença do trauma se faz notar pelas palavras utilizadas na menção aos filhos. São lembrados como seu orgulho, como aquilo que o trabalhador tinha de mais precioso. Ao mesmo tempo, não gosta de se lembrar deles. A relação difícil, que desperta afetos conflitantes, acontece porque lembrar dos meninos é lembrar o momento em que se viu inserido em uma situação inesperada (MOFFATT, 1983b). A passagem onde o bilheteiro menciona os parentes falecidos insere o processo de rememoração nos gêneros do luto e da lamentação (DAS, 2011). Ao falar com Antonio Possidonio Sampaio, o bilheteiro acaba por rever acontecimentos graves, iniciando um trabalho de elaboração de suas perdas materiais e afetivas. Além da morte da primeira esposa, a lembrança do período em que viveu com sua família no Paraná é motivada por uma derrota:

6 “A crise se manifesta pela invasão de uma experiência de paralisação da continuidade do processo da vida. De repente, nos sentimos confusos e sós, o futuro se nos apresenta vazio e o presente congelado” (MOFFATT, 1983b, p.13). Quando Moffatt fala em “continuidade do processo da vida”, ele se refere ao funcionamento do psiquismo humano. O psicólogo entende que a consciência humana tem existência pontual. A percepção que as pessoas têm do “eu” como uma continuidade coerente e permeada de sentido é resultado de uma construção imaginária, culturalmente aprendida. Em outras palavras, a cultura está a serviço de assegurar a continuidade do eu no tempo. Nessa teoria, o psiquismo humano está estreitamente ligado com as noções de tempo e de identidade.

7 É possível notar um deslocamento na maneira de relatar. No início do relato, o bilheteiro partiu de sua situação atual para enunciar de maneira cronológica os lugares pelos quais passou. Na passagem acima citada, onde os acontecimentos de grande gravidade servem como marcos para a organização do relato, a tonalidade afetiva passa a ter mais força.

Quando cheguei ao Norte do Paraná, num patrimônio que naquele tempo só tinha mais umas cinco casas além da do patrão mas hoje parece até que já virou cidade, logo arranjei ameia um pedaço de terra de um moço de Londrina. Nos dois primeiros anos, me aprimei na vida e entre o café colhido e as demais plantações, me sobrou o suficiente para comprar um pedaço de terra que era a minha maior paixão. O dono das terras, Doutor Paulo Gonçalves, teve tanto entusiasmo com a produção que me disse: Olha, o senhor continua cuidando disto aqui e quem sabe, no futuro parte dessas terras será sua! Olha, moço, acredite que aquelas palavras do doutor não me saíam da cabeça. E quase viramos bichos no eito. A velha, os filhos, todos não sabiam o que era domingo nem feriado. A plantação de café, o senhor olhava assim e perdia o olhar de vista naquele mundo verde. Mas destino é destino, moço. Em maio ou junho de 57, se não me falha o juízo, veio a desgraça. Olhe, moço, nem gosto de me lembrar. Uma tal de geada negra queimou o cafezal inteiro. Quando a onda passou, me veio aquele desgosto e não adiantou o doutor bacharel argumentar até com promessas de ajuda que não sei quem do governo podia arrumar pra amparar a gente. O desgosto foi tanto que larguei tudo naquela desolada tristeza. Outros, meeiros, arrendatários e fazendeiros, também perderam as safras e só se via gente deixando aquelas terras (SAMPAIO, 1979, p. 45).

A viagem ao Norte do Paraná inseriu o trabalhador em uma nova tentativa de se estabelecer na vida, tentativa que pode ser interpretada como um projeto. Este, segundo o antropólogo Gilberto Velho, tem por base a possibilidade de escolha (VELHO, 1980). O projeto não é um fenômeno puramente interno, já que sua formulação se dá dentro de um “campo de possibilidades” (VELHO, 1980) circunscrito histórica e culturalmente. No caso em questão, o campo de possibilidades é bastante reduzido, estritamente relacionado ao engajamento da família no trabalho com a terra. O “cálculo e o planejamento” (VELHO, 1980, p.46), elementos que evidenciam a existência de um projeto, se mostram presentes na forma como o trabalhador agiu ⁸.

As palavras de incentivo do dono das terras da região são recebidas como uma forma de reconhecimento, reforçando o projeto de se estabelecer como trabalhador rural e proprietário de terras. Além disso, o incentivo enfatiza aquele que, para Jurandir Freire Costa, é um dos principais elementos definidores da identidade de trabalhador, a “capacidade de trabalho” (COSTA, 1989, p. 27). Ser reconhecido ou ser identificado como alguém que trabalha bastante, que é “trabalhador”, reforça a identidade de pessoas que trabalham com as mãos, afirmando o sentido da atividade desenvolvida. Com o reconhecimento o bilheteiro se esforçar ainda mais, esforço que é partilhado por todos os membros da família. Na metáfora utilizada, eram como “bichos no eito,” trabalhando diariamente, mesmo em domingos e feriados.

8 Em um primeiro momento, trabalhou como meeiro. Após dois anos de boas colheitas, se valeu dos ganhos para comprar um pedaço de terra, que é lembrada como sua maior paixão. A maneira de se referir à terra adquirida é um exemplo dos aspectos afetivos que envolvem aqueles que se engajam em um projeto. Quem projeta estabelece um vínculo afetivo com o tempo: ao antever situações, percebe a vida como uma continuidade permeada de sentido e de possibilidades, aberta a realizações.

Justamente no momento de prosperidade a família se depara com o revés. O trabalhador afirma não gostar de se lembrar do que aconteceu. Inclusive, chega a dizer: “nem conseguia pensar com meu próprio juízo” (SAMPAIO, 1979, p.45). O uso da noção de destino para nomear e compreender a geada que queima todo o cafezal sinaliza a presença de uma crise psicológica. Este fenômeno se manifesta pela invasão de uma experiência de paralisação da continuidade do processo de vida (MOFFATT, 1983b). O futuro se mostra vazio para a pessoa que é acometida pela crise psicológica, e o presente se mostra congelado. Isto acontece porque a pessoa é mergulhada em uma situação que não era esperada, que não estava prevista. Na teoria de Alfredo Moffatt, é o caráter imprevisto da mudança vivenciada que faz uma situação ser traumática. A geada chega de surpresa e interrompe o projeto no qual o trabalhador havia ancorado sua identidade. Como a trama de sustentação da continuidade do seu “eu” se dissolve, é tomado pela crise. O que adoece no estado de crise é o processo de viver:

[...] a história fica descontínua e, portanto, o eu não pode se perceber como sucessão inteligível e se fragmenta sem atinar como conceber sua nova situação (como codificá-la) e sem saber como atuar, pois as estratégias com que contava já não se adaptam às novas circunstâncias (MOFFATT, 1983b, p.14).

Sem saber o que fazer, o narrador pergunta para a esposa: “E agora?” (SAMPAIO, 1979, p. 45). Esta reação denuncia a dificuldade em agir fora do projeto. Quem perde o projeto fica marginalizado, fora do tempo, não sabe como lidar com a situação. A resposta da esposa é um exemplo de enfrentamento precário para a ausência de projeto. Ela, que também não sabe como agir, afirma que será como Deus quiser. Recorrer a Deus para dar conta de enfrentar uma situação difícil é um procedimento semelhante ao uso da ideia de destino⁹. Novamente, graças a indicações de conhecidos – “chapas”, no dizer do narrador –, ele se desloca com a família até a cidade de Marília.

O projeto de se estabelecer como trabalhador e proprietário de terras no norte do Paraná pode ser entendido como uma experiência de mobilidade social. Seja em casos de ascensão ou de descenso, a experiência de mobilidade social “introduz variáveis significativas na experiência existencial” (VELHO, 1980, p. 34). Como vimos, o projeto acima interpretado traz consigo os momentos de ascensão e descenso. A derrota do projeto foi uma variável significativa na trajetória daquela família, e teve um forte impacto na subjetividade do trabalhador. O grande impacto subjetivo decorrente da destruição causada pela geada remete à noção de luto, no sentido proposto por Sigmund Freud. O criador da psicanálise via o luto como a reação a uma perda que pode ter ligação com uma pessoa querida, mas também com uma abstração que esteja no lugar dela (FREUD, 2011, p.

9 Quem recorre às noções de Deus ou de destino em contextos de dificuldade confia que uma instância exterior e possuidora de uma lógica própria determina ou determinou o desenrolar da situação enfrentada. Assim, caberá a essa mesma instância reconduzir a existência para uma nova trama de continuidade. Ao mesmo tempo, as palavras Deus e destino são meios de nomear a catástrofe. São palavras que criam uma forma simbólica para o acontecimento que, por ser desmesurado, é de difícil compreensão.

47). Na lembrança analisada, o luto está relacionado à perda do projeto de ser proprietário. Outra perda, agora de maior gravidade, motivou a rememoração do período em que viveu com a segunda esposa e com os filhos na cidade de Marília, no interior de São Paulo: a morte dos filhos em um acidente com o caminhão de turma.

Em Marília os filhos são agenciados por um gato – pessoa que alicia migrantes – para trabalhar como bóias-frias nos arredores da cidade. O mesmo agenciador que arranja trabalho para os filhos do bilheteiro apresenta uma pessoa que lhe aluga um cômodo com quarto e cozinha nos fundos do quintal da própria casa, a uns quinze minutos do centro da cidade. Uma vez arranjados a casa e o trabalho para os filhos, é possível um recomeço:

E recomeçamos a vida, seu moço, todas as manhãs os meninos embarcando no caminhão bóia-fria que levava o pessoal pro eito a uma hora e tanto de Marília. De noite, eles voltavam cansados e se queixando das dificuldades, mas um dinheirinho mixuruco começou a entrar e eu até já estava me esquecendo daquela desgraceira lá do Paraná. Entences eu também já tava pensando em trabalhar por intermédio de Seu Norberto, porque outra coisa não se encontrava na cidade, quando aconteceu nova desgraça, seu moço. Num caminhão, apinhado de gente, faltou breque. O efe cinco foi descendo a ladeira desembestado, quando chegou lá embaixo, na curva, tombo e os dois meninos foram pro reino do céu.

Quando seu Norberto chegou lá em casa avisando, botei as mãos na cabeça, fiquei um tempão com aquela dor no peito e veja, moço, só consegui alevantar as vistas e mandar Seu Norberto sentar quando desceram aquelas lágrimas quentes, coisa que eu nunca tinha experimentado na vida. E logo chegou a velha, com café pra mim e pro gato e com aquelas boas palavras mansas que ela sempre tem nessas horas de dificuldades, conseguiu me aliviar: coisa do destino, num sabe! (SAMPAIO, 1979, p. 46).

A ideia de recomeço presente no depoimento indica nova tentativa do narrador em se estabelecer com a família. Fica patente na passagem citada o rebaixamento da qualidade de vida em relação à situação vivenciada no Paraná. Lá, o pai inicia sua trajetória como trabalhador rural na condição de meeiro, perspectiva que possibilita à pessoa se fixar na terra onde trabalha. Na cidade de Marília os filhos são inseridos no mundo do trabalho em uma condição bastante ruim, ocupando a posição de trabalhadores bóias-frias¹⁰.

10 O surgimento desse tipo de trabalhador está relacionado com o processo histórico de concentração da terra e formação de latifúndios que é marcante nas relações de produção no campo brasileiro, e que teve como grave consequência a expulsão dos trabalhadores. O fenômeno da expulsão se agrava a partir do ano de 1963 com a criação do “Estatuto do Trabalhador Rural”, que visava estender aos trabalhadores rurais os mesmos direitos adquiridos pelos operários urbanos, como salário mínimo, registro profissional, 13º salário, assistência médica, entre outros. No intuito de não pagar os direitos aos trabalhadores, os proprietários de terras os expulsam, passando a contratá-los de maneira avulsa. Os trabalhadores passam a ser pagos de acordo com a produtividade, estando sujeitos ao roubo, à violência e à humilhação por parte dos indivíduos contratados para intermediar a relação entre o fazendeiro e o trabalhador.

As más condições de vida geradas pelo trabalho rural intenso¹¹ têm presença na rememoração, quando é mencionado que os filhos retornavam cansados, reclamando das dificuldades no trabalho. No entanto, o pequeno pagamento recebido, chamado pelo narrador de “dinheirinho mixuruco”, permite uma frágil estabilidade. O narrador, que já estava superando o revés enfrentado no Paraná, pensava em começar a trabalhar por intermédio do mesmo sujeito que agenciou os filhos. A notícia da morte deles acaba com as expectativas projetadas e insere o narrador em outra crise.

O tipo de acidente que vitimou Antônio e Gildásio foi muito recorrente durante as décadas de 1960 e 1970. Na época, era comum os trabalhadores serem transportados na carroceria dos caminhões. Esse meio de transporte inseguro era conhecido como caminhão de turma¹². O trecho do relato que denuncia as más condições do caminhão que transportava os filhos do narrador enfatiza o excesso de trabalhadores transportados e o descaso com a manutenção do veículo. O tombamento do caminhão ocorreu por um problema nos freios.

Alfredo Moffatt afirma em “Terapia de crise: teoria temporal do psiquismo” que as crises traumáticas são consequência de um acidente ou acontecimento não esperado, logo espantoso, de grande impacto. A pessoa é tomada pela crise graças ao caráter imprevisto, não conhecido, da situação que é obrigada a vivenciar. A nova circunstância trazida pela notícia de um acidente coloca a pessoa dentro de uma personagem que não tinha sido antecipada (MOFFATT, 1983b, p. 13-14). Exemplos são as situações de orfandade e de viuvez. A morte de um parente redimensiona as expectativas de vida da pessoa, pois violenta um dos quadros de referência mais importantes na construção da própria identidade, o parentesco.

O parentesco é uma forma que a imaginação simbólica, ou simplesmente o simbólico, tem de estabelecer diferenças ou criar discriminações que permitam aos sujeitos se diferenciarem sincrônica e diacronicamente, no tempo e no espaço. É uma das maneiras que o sujeito tem de estabilizar a experiência da ipseidade, sua e dos outros, das coisas e dos estados de coisas, em meio à variação constante da realidade ou de suas aparências (COSTA, 1989, p. 24).

11 Os estudos realizados por Maria Aparecida de Moraes Silva (1998) e Maria Conceição D’Incao e Mello (1976) demonstram como a miséria perpassa todas as esferas do cotidiano desses trabalhadores. Tal miséria, inclusive, motivou as alcinhas criadas para designar essa forma de trabalho, termos como “bóia-fria” e “volante”. O primeiro diz respeito à forma como os trabalhadores realizam o almoço. Saem de casa muito cedo levando a refeição em uma marmita e, quando vão almoçar, a comida já está fria. Já o termo volante diz respeito à condição de “trabalhador livre no seu estilo mais puro” (SILVA, 1998, p.83). Volante é aquele que voa, ou que pode voar. Maria Aparecida de Moraes Silva recupera alguns dos sentidos da palavra volante, entre eles o de flutuante. A palavra volante também é utilizada para nomear aquilo que pode ser facilmente mudado, o que é errante, passageiro, transitório (SILVA, 1998). O trabalhador bóia-fria não tem local de trabalho e nem patrão fixos, é mobilizado de acordo com as demandas por trabalho existentes.

12 A turma era o grupo de trabalhadores que era levado ao eito no caminhão, e o turmeiro o sujeito que contratava a turma. O turmeiro era responsável pela vigilância e pelo pagamento dos trabalhadores.

Através das mediações possibilitadas pelo parentesco, a pessoa encontra um suporte para se conhecer e se diferenciar dos outros. O lugar ocupado no parentesco ancora a pessoa na realidade, permitindo uma compreensão inteligível da passagem do tempo e da posição que as coisas e os seres ocupam no espaço. Essa ancoragem cria uma explicação para a origem individual e instaura uma história pessoal. Assim, a pessoa adquire um passado compartilhado, familiar. Além disso, ela cria expectativas compartilhadas de futuro, mediante projetos que envolvem a si e também a seus entes queridos. Todos esses aspectos fortalecem a identidade pessoal e criam sentido para a existência, ou, se quisermos, fortalecem a trama cultural de continuidade do eu no tempo. A súbita notícia da morte dos filhos arrebatada esse quadro de referências, atirando o trabalhador em uma nova e desconhecida situação.

Em certos casos, a desorganização da identidade trazida pela crise tem consequências orgânicas, formas de perturbação e de angústia que são corporalmente sentidas. Os exemplos dados por Moffatt são as perturbações cárdio-respiratórias, a opressão, a sensação de ter nós no estômago e garganta, e um estado geral de hipercontração muscular (MOFFATT, 1983b, p. 14). Eis a descrição da expressão orgânica da crise no relato: “botei as mãos na cabeça, fiquei um tempão com aquela dor no peito e veja, moço, só consegui alevantar as vistas e mandar Seu Norberto sentar quando desceram aquelas lágrimas quentes, coisa que eu nunca tinha experimentado na vida” (SAMPAIO, 1979, p.46). A reação é marcada pelo gesto patético de colocar as mãos na cabeça e pela dor no peito que, na lembrança do trabalhador, demorou a passar. A demora percebida decorreu da intensidade do sofrimento causado pela situação de crise. Neste tipo de situação o tempo parece paralisado e a pessoa tem a sensação de estar presa no momento presente, ficando desesperada. Para Moffatt, esta palavra sintetiza os aspectos da expressão orgânica da crise. Aquele que está “(des-esperado)” (MOFFATT, 1983b, p. 14) já não espera nada, pois o futuro à sua frente se mostra vazio. Somente com o choro, reação catártica e inédita na vida do trabalhador, e que se relaciona com o ineditismo da circunstância vivenciada, ele sai da dor e da paralisia subjetiva gerada pela ruptura da trama cultural de sustentação do eu. A esposa, visando auxiliar seu companheiro, se vale da mesma tática por ele utilizada em outros momentos. Argumenta que o acidente é coisa do destino.

Julgo necessário realizar algumas considerações acerca dos usos e sentidos da palavra destino no relato em questão. Em sua primeira aparição, conforme já dito, ela funciona como um sintoma, e aponta para a existência de afetos não resolvidos decorrentes das crises e momentos adversos enfrentados no passado. Tais afetos trazem mal-estar e se fazem presentes logo no início da rememoração. As outras vezes em que a palavra foi utilizada tem relação com a maneira encontrada pelo trabalhador para entender e explicar situações que excederam sua compreensão. Nomear como destino é uma forma de enfrentar subjetivamente aquelas situações. Trata-se de uma tentativa de criar um limite simbólico para elas. Assim, a geada que queimou o cafezal, o acidente com o caminhão que matou os filhos e a condição de aposentado por invalidez são, para ele, responsabilidade do destino. Os três exemplos, e também as outras situações nomeadas como des-

tino, têm em comum a dificuldade de serem incorporadas na experiência do trabalhador de maneira causal, a partir de uma explicação lógica, onde um acontecimento é consequência do outro. A gravidade das vivências problematiza a incorporação. O procedimento encontrado pelo trabalhador para lidar com as situações do passado, no entanto, tem um perverso “custo social” (FERNANDES, 1991, p. 139) e ideológico. A percepção dos acontecimentos como consequência de um destino ao qual não há como escapar nega qualquer possibilidade de inscrição da trajetória social nos termos da exploração e exclusão geradas pelo sistema capitalista. Essa saída escamoteia o caráter coletivo e de classe das adversidades vivenciadas, impossibilitando uma reflexão que leve até a compreensão da origem social e histórica dos problemas.

A chegada do narrador na cidade de São Bernardo do Campo apresenta aspectos semelhantes à sua chegada em Marília. A sensação de desenraizamento gerada por esses locais remete à perspectiva que lê a cidade como o espaço da ubiquidade do dinheiro (GONÇALVES FILHO, 1998). Nela, ele é necessário para tudo. As relações sociais tornam-se despersonalizadas, havendo refreamento da solidariedade para o âmbito privado da família (GONÇALVES FILHO, 1998). O bilheteiro e sua esposa serão vítimas desse processo em São Bernardo do Campo. A ausência de vínculos e as dificuldades em arranjar um local para ficar levaram o casal a experimentar grande privação material, tendo de passar a noite na rua. No início do amanhecer foram abordados por Seu Antônio, um migrante pernambucano que se estabeleceu em São Bernardo do Campo, tornando-se militante do Sindicato dos Metalúrgicos. O encontro é um exemplo de solidariedade de classe, vínculo social que se coloca na contramão das relações impessoais e frias que caracterizam a grande cidade. Os trabalhadores se reconhecem e criam redes de relações onde se ajudam mutuamente. É o que faz Seu Antônio: dá palavras de incentivo, paga um café da manhã para o casal e sugere que o trabalhador tente se empregar na produtora de carros Volkswagen.

Pois é, ele foi quem me disse: Olha, a Volks tá pegando. Pois entences, fui até lá na Via Ancheita. Dois dias depois estava trabalhando, não na Volks, porque eles tavam pegando com facilidade era gente para construir aqueles pavilhões que hoje eles estão neles. Depois. Trabalhei como servente, mas não tive a mesma sorte dos outros que mais tarde entraram na Volks tiveram. Um dia, carregando uma lata de massa, pisei em falso, despenquei lá de cima do andaime e quando dei por mim foi três dias depois, todo entevado. Fiquei um ano no seguro. Quando me deram alta, os trocados que recebi como indenização dei de entrada no terreninho que construí este barracão que o senhor tá me dando a honra de entrar nele. E me encostei na Caixa” (SAMPAIO, 1979, p. 47).

A queda do andaime, diferentemente dos outros acontecimentos graves que foram rememorados no relato, interferiu na capacidade de trabalho do bilheteiro, afetando de maneira grave sua identidade. O acontecimento inesperado, e por isso traumático, inseriu o trabalhador em um modo de vida limitado pela sequela corporal. O impacto do acontecimento pode ser percebido através da retomada do argumento que estava pre-

sente no início do relato. “Se fosse viver do que tiro na Caixa já teria morrido de fome. E os homens já teriam tomado o terreno que ainda tô pagando em prestações” (SAMPAIO, 1979, p.47). A queda foi um marco material e simbólico. Além de trazer uma mudança profunda, o acidente no andaime fragmentou a experiência de vida do bilheteiro, instaurando um antes e um depois. Ao colher o relato do trabalhador, Antonio Possidonio Sampaio criou um espaço de acolhimento que envolve a fala e a escuta. O acidentado pôde, através da rememoração, realizar uma elaboração de sua experiência.

No fim do relato, o bilheteiro apresenta uma mudança na visão que tem de sua situação, havendo um crescimento de consciência. Constatando que as fábricas só contratavam sujeitos jovens, ele, com mais de quarenta anos, sente-se velho. Trata-se de uma velhice socialmente construída, pois há um descompasso entre a idade corporal e a percepção subjetiva do próprio corpo. A sensação de velhice, por ter sido imposta por um acontecimento grave e não desejado, está próxima da ideia do “envelhecer”, um estágio da vida que é considerado desprezível em nossa sociedade (BERLINK, 2000, p.196). Tal situação advém da percepção da disparidade de disposição para o trabalho existente entre os homens jovens e ele, que teve o corpo fragilizado pelo acidente. O acidentado, tal como ocorre com o velho, é obrigado a lidar com “o fantasma da decadência do corpo” (BERLINK, 2000, p.193). Em um contexto social que valoriza a capacidade de exercer o trabalho manual, o velho e o acidentado são estigmatizados como inválidos. A sensação de estar velho, no entanto, não é apontada como responsabilidade do destino. Os donos das fábricas são responsabilizados pela imposição dos estigmas da velhice e da invalidez vivenciados por ele e por muitos outros trabalhadores.

A história de J. Alves

O relato de J. Alves traz semelhanças com o relato do bilheteiro. Inicialmente, o trabalhador de 42 anos nascido em Barra da Estiva, no estado da Bahia, relata os deslocamentos espaciais realizados até sua chegada à cidade de São Paulo. No bairro do Brás, após trabalhar e se estabelecer, traz o pai e os nove irmãos para viverem juntos. Com o falecimento do pai, resolve se casar. A narração das experiências de viagem por estados e cidades é interrompida por uma reflexão sobre a situação atual:

Até pouco tempo atrás eu tinha orgulho de ter sido um dos pioneiros da indústria automobilística. O que me resta agora é um desgosto deste tamanho de ter deixado a minha terra. Há mais de um ano ando me batendo por aí, atrás de emprego, inválido e sem saber o que fazer com minha vida, a mulher e três filhos (SAMPAIO, 1979, p. 50).

A passagem é marcada por uma ruptura na identidade do trabalhador. Se um dia ele teve orgulho de trabalhar na indústria automobilística, agora, vivenciando a condição de desempregado e inválido, se arrepende de toda a trajetória que viveu. Alfredo Moffatt diz que o desemprego interrompe o projeto de futuro (MOFFATT, 2007). A ausência

de inserção laboral leva à perda do dinheiro e faz com que o trabalhador veja seu papel social frente à família e amigos ser drasticamente transformado. O desempregado passa por um “processo de dessocialização progressivo” e sofre (DEJOURS, 2007, p.21). Em sua investigação sobre os acidentes de trabalho, Amélia Cohn, Ursula Karsch, Sedi Hirano e Ademar Kato perceberam que a ruptura brusca da trajetória de vida causada pelo acidente impõe ao trabalhador uma situação de indefinição social (COHN; HIRANO; KARSCH; SATO, 1985, p. 56). O acidentado passa a se perceber e a ser percebido como um pária. Tendo sido expulso da situação que dava sustentação para sua identidade, e sem ter condições para prover a reprodução material da família, J. Alves não sabe o que fazer da vida.

Depois da breve consideração sobre a situação atual, relata sua trajetória na indústria automobilística¹³. A última empresa em que trabalhou foi a Volkswagen. Na época, havia decidido não mais trabalhar em indústrias automobilísticas. Empregou-se ali em 1971 por extrema precisão de trabalho, e trabalhou de 13 de abril de 1971 a 14 de junho de 1976, quando foi despedido. O acidente no trabalho, percebido por J. Alves como um acontecimento que acabou mudando a sua vida, foi o motivo que desencadeou o itinerário que culminou em dispensa. Na forma como o período próximo ao acidente é apresentada, é possível notar a imposição de uma organização do trabalho que colocava os trabalhadores em risco. Eles enfrentavam o revezamento quinzenal de turno, no qual trabalhavam 15 jornadas diárias no período diurno e outras 15 à noite. A instituição dos turnos de trabalho “fazia com que o conjunto da vida do trabalhador, mesmo o tempo passado fora da fábrica, fosse organizado (ou desorganizado) em função dos horários impostos pela empresa” (ABRAMO, 1999, p.63). A reordenação da temporalidade da vida, juntamente com a quebra da delimitação natural entre dia e noite gerada pelo escalonamento de turnos de trabalho afetavam a fisiologia do trabalhador, gerando sofrimento. A difícil situação enfrentada era agravada pelas numerosas horas extras:

Naquela época, os homens tavam com uma fome de produção que a peãozada não tinha tempo nem de ir ao banheiro. Os chefes só ali em volta da gente exigindo produção, a linha sem parar um minuto; líder, feitor, mestre, supervisor, todo mundo louco querendo mais e mais produção e a gente se enlouquecendo sem tempo pra nada, só produzindo sem tempo pra pensar. Foi assim que um dia, naquela loucura, me abaixei pra pegar uma peça que pesava umas quatro arrobas, sofri um estalo na coluna e não fui homem pra mais nada (SAMPAIO, 1979, p. 51).

A lembrança da situação em que o acidente ocorreu é marcada pelo ritmo de trabalho intenso e ininterrupto. Toda a hierarquia de funcionários responsáveis pelo con-

13 A vida nas fábricas é a instância instauradora de sentido no período da trajetória social anterior ao acidente. Aqui, os elementos constitutivos da memória se voltaram para a evocação da vida cotidiana nas fábricas por onde passou, havendo ênfase nos acontecimentos e lugares. Na experiência de mais de 15 anos como operário de fábrica, as dificuldades vivenciadas têm destaque.

trole do trabalho operário estava presente, cobrando uma produtividade cada vez maior. Eram como loucos e, em sua cobrança incessante, enlouqueciam os operários. A palavra loucura é utilizada para caracterizar a situação em que J. Alves se machuca. A situação é louca porque impossibilita o trabalhador de pensar e agir na temporalidade necessária para que a realização do trabalho não lhe traga riscos. O quadro em questão remete ao tipo de jornada de trabalho que Octavio Ianni (1981) designou como ao mesmo tempo intensa e extensa, condição que foi constante no período da ditadura civil-militar. Nesse contexto de superexploração do trabalho, no qual o trabalhador é desvalorizado em relação à produção que nunca pode ser interrompida, o acidente de trabalho era recorrente.

Concordo com Amélia Cohn, Ursula Karsch, Sedi Hirano e Ademar Sato quando dizem que o acidente de trabalho é uma forma de violência. A brutalidade não se resume ao acidente em si e nem às circunstâncias em que ele ocorre. Para as autoras e autores, a violência “se estende ao longo do processo de tratamento e à trajetória institucional que o acidentado é obrigado a percorrer” (COHN; HIRANO; KARSCH; SATO, 1985, p.52). A trajetória institucional é marcada pela negação de sua cidadania, negação que decorre não apenas do mau trato das instituições, mas que se enlaça a um fenômeno mais grave: “o de seu não-reconhecimento pela própria sociedade” (COHN; HIRANO; KARSCH; SATO, 1985, p. 52-53). No caso de J. Alves, o não reconhecimento da gravidade de sua situação se inicia na fábrica.

Me queixei ao líder. Nem deu bola. Reclamei ao capa amarela, também não ligou. Sorte que logo veio a hora do almoço, se não eu não sei o que seria de mim. Lá, o médico me receitou umas pílulas e me mandou pro INPS, onde fiquei trinta dias. Na volta me fizeram uma entrevista, o médico mandou tirar umas chapas e me enviou pra recolocação. Ah, ia me esquecendo de contar meu padecer depois do acidente. Meu supervisor, um ignorantão, de nome Celso, até me ofendeu: Deixa de ser frouxo, rapaz! [...] Pois é, o tal de Celso depois de me dizer aquele desaforo, foi em frente e quando um capa azul disse que eu estava mal, veja a resposta dele: Não quero nem saber. E depois do almoço me encaminhou para a segurança (SAMPAIO, 1979, p. 51-52).

Estamos diante do relato de alguém que foi maltratado por outras pessoas. Os funcionários responsáveis pelo controle do trabalho operário que foram mencionados, quase sem exceção, ignoraram a queixa de J. Alves. Tal postura vai ao encontro das reflexões da socióloga Laís Abramo. Em sua investigação sobre a vida nas fábricas, demonstrou como em algumas das grandes montadoras de automóveis na cidade de São Bernardo do Campo a maioria dos chefes e supervisores era formada por trabalhadores antigos nas empresas, “que haviam ascendido a esses postos por causa de sua adesão às normas disciplinares e organizacionais” (ABRAMO, 1999, p. 107). A função das chefias era “manter a disciplina e velar pelo cumprimento das metas de produção” (ABRAMO, 1999, p. 106). Visando cumprir a função, os chefes oprimiam intensamente os trabalhadores. Os direitos básicos eram desrespeitados, havendo violência contra a saúde física

e psicológica. Exemplar nesse sentido foi a atitude do supervisor Celso, que se valeu do discurso da virilidade para atacar o trabalhador machucado.

Em suas reflexões sobre a questão, Christophe Dejours afirma que a virilidade é medida pela “violência que se é capaz de cometer contra alguém, especialmente contra os que são dominados” (DEJOURS, 2007, p. 81). Ainda segundo o autor, o homem viril “é aquele que não hesita em infligir sofrimento ou dor a outrem, em nome do exercício, da demonstração ou do reestabelecimento do domínio e do poder sobre o outro, inclusive pela força” (Idem). A postura viril apresenta afinidades com o comportamento dos chefes nas fábricas automobilísticas brasileiras na década de 1970. A opressão ao trabalhador por parte dos chefes foi a maneira encontrada para negar a posição anteriormente ocupada. O ato de oprimir não só fortalecia a identidade social do chefe, como era uma recusa à possibilidade de retornar à condição de subordinado. O ato também pode ser entendido como uma maneira de descontar nos trabalhadores o esforço despendido na própria trajetória ascensional (ABRAMO, 1999, p. 107). Ao chamar J. Alves de frouxo, Celso visa demonstrar seu próprio poder como supervisor, coagindo o trabalhador a não abandonar a produção. Por outro lado, a expressão utilizada por Celso visa rebaixar o trabalhador ao colocar em dúvida sua identidade de homem. Isso ocorre porque nas sociedades capitalistas a virilidade é tida como um atributo sexual. Assim, a condição de ser homem está imbricada às noções de força, poder e coragem. Nessa lógica, o sujeito frouxo é o sujeito pouco viril, covarde, medroso. Faz parte do grupo daqueles que não dão conta do trabalho pesado.

A postura do supervisor Celso exemplifica um efeito nefasto gerado pela divisão social do trabalho no capitalismo: a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Esta gerou um grupo formado por aqueles que mandam e outro formado por aqueles que obedecem¹⁴. A divisão social do trabalho no capitalismo também é responsável por formar homens viris e perversos. A atitude de Celso traz consigo outro aspecto recorrente nas relações entre chefia e trabalhador existentes nas fábricas de São Bernardo do Campo naquele período: as “chefias costumavam acionar imediatamente a segurança na ocorrência de qualquer conflito com os trabalhadores” (ABRAMO, 1999, p. 110). É o que acontece. Após ser mandado para a segurança, J. Alves passará por uma trajetória que, em suas palavras, não lhe sai da memória.

Nos três dias seguintes, fui à segurança e eles lá me deixando de castigo. Após o ponto, eu ia direto pra lá e junto com outros companheiros ficava ali de castigo, esperando, esperando... Lá pelas tantas, aparecia um sujeito e perguntava: O que o senhor está fazendo aqui? E desaparecia. Depois vinha outro, mais outro, mais outro e sempre a mesma pergunta. E nós ali feito bobos, torcendo de dor. No terceiro dia, me disseram: O seu caso não é com a segurança. E

14 Para Gonçalves Filho (1998), aqueles que fazem parte do primeiro grupo, por terem deixado de lado as mãos, agem como se não houvesse obstáculos a vencer. Não hesitam em reduzir “outros homens a uma coisa inerte, sem limites, sem resistência, sem presença. Quem manda, arrasta. E arrasta porque é arrastado pela embriaguez de um poder ilimitado que imagina possuir” (GONÇALVES FILHO, 1998, p.59).

me encaminharam ao advogado, que ficou me enrolando mais três dias. Um tal de Dr. Artur que me mandou para um tal de Dr. Firmino, o ortopedista, que me deitou numa cama e queria que eu levantasse os pés de qualquer jeito. E com aquelas dores horríveis só tive que recusar. E o doutor se queimou e me mandou de volta pro setor, o 1055, alegando que eu não tinha nada e por cima ainda havia recusado a fazer o exame. E ainda disse prum de branco que estava estagiando com ele: Simulação. Pura simulação. E lá fui eu pro setor. Quando soube da informação do médico, o chefe tornou a repetir: Não quero nem saber. E me mandou de novo pra segurança, que me enrolou por mais uma semana e finalmente me mandaram tirar várias chapas no Hospital Bartira. Depois de toda essa encheção de saco, foi que resolveram me por na Caixa. E quando voltei, sem estar curado, me puseram no olho da rua (SAMPAIO, 1979, p. 52).

A saúde do trabalhador depende da organização do trabalho, instância sobre a qual o operário não tem nenhum controle (COHN; HIRANO; KARSCH; SATO, 1985, p. 75). Como vimos, a condição de trabalho na qual J. Alves se acidentou era pautada pela superexploração. Este tipo de organização coloca a produção em primeiro plano, expondo os trabalhadores ao risco. Os acontecimentos relatados na passagem citada vão ao encontro de uma característica recorrente em casos de acidente de trabalho: a perda da individualidade e do controle sobre o próprio destino (COHN; HIRANO; KARSCH; SATO, 1985, p. 118). Tal característica é facilmente percebida pela quantidade de vezes em que J. Alves é deslocado de um lugar para outro após ser mandado para a segurança.

O início da trajetória desastrosa após o acidente acontece dentro da fábrica, com o tratamento dado pelos chefes. O tratamento recebido por J. Alves pode ser lido como uma figuração da luta de classes no universo das microrrelações. A atitude do supervisor Celso em não querer saber do problema do trabalhador acidentado remete àquilo que Edmundo Fernandes Dias chamou de “Discurso do Poder” (DIAS, 2012, p. 9). Quem exerce este tipo de fala são aqueles que detêm o comando. Trata-se, para o autor, “de um discurso oficial, institucional” (Idem), que exemplifica a forma privilegiada de política exercida pelos dominantes: o silenciamento do subalterno. O que ocorreu com J. Alves no setor de segurança ultrapassa o silenciamento, foi uma forma de tortura. Georges Canguilhem afirma que a tortura é o sofrimento infligido para obter revelação (2005, p.33). A tortura infligida a J. Alves teve a função de o deslegitimar, negando sua voz e sua queixa sobre o acidente. A pergunta que lhe foi repetidamente feita visava desqualificar sua condição de pessoa portadora de uma história e de saberes acerca do próprio corpo, e configura uma situação que afetou um grande número de operários mandados para a segurança em fábricas na cidade de São Bernardo do Campo nos anos 1970. Uma vez mandado para lá, o trabalhador não tinha direito a voz. Estava ali para ser acusado, passava a ser vítima de um processo semelhante a um inquérito policial.

Era feito um “boletim de ocorrência”, e a “apuração” do caso demorava, às vezes, uma semana, dez dias, durante os quais o trabalhador não podia marcar o cartão de ponto e tinha que ficar o dia inteiro sentado naquele local, sendo interrogado e esperando a “sentença” final (ABRAMO, 1999, p. 110).

Um dos operários entrevistados por Laís Abramo se referiu ao processo como uma forma de tortura psicológica, demonstrando como a militarização da sociedade no período da ditadura civil-militar afetava as relações sociais nas fábricas.

A situação de acidentado transformou J. Alves em um estorvo para a organização da produção. Era como uma peça com defeito, fora dos padrões e das normas¹⁵ da fábrica. Ele estava sendo castigado por ter reclamado. O supervisor Celso e os outros sujeitos que torturaram J. Alves fazem parte do grupo de gestores da produção e das normas, foram os primeiros a definir o trabalhador como um sujeito desviante. Sendo assim considerado, será enlaçado nas malhas de poder das duas outras instâncias que visam a manutenção da norma: o direito e a medicina¹⁶. O advogado Artur e o ortopedista Firmino ocupam a função de técnicos, figuras intermediárias responsáveis pela manutenção da norma. Para o psiquiatra Franco Basaglia, a tarefa das figuras intermediárias é mistificar, mediante o tecnicismo, a violência institucional. Assim, através de sua prática, visam fazer com que “o objeto da violência se adapte à violência de que é objeto” (BASAGLIA apud DIAS, 2012, p.47). O jogo de forças existente entre a pessoa enquadrada como desviante e a figura intermediária está presente no encontro de J. Alves com o médico Firmino.

O acidente de trabalho atinge em cheio o projeto de vida dos trabalhadores. Embora o trabalhador acidentado seja tratado como um ônus para a sociedade é sobre ele que recai ônus do acidente (COHN; HIRANO; KARSCH; SATO, 1985, p. 121). J. Alves se vê impossibilitado de trabalhar, e ainda por cima sente dor. O filósofo e médico Georges Canguilhem afirma que o sofrimento, a redução de uma atividade habitual escolhida ou obrigada e o enfraquecimento orgânico são constitutivos de um estado de mal (GANGUILHEM, 2005, p.25). A lesão na coluna, mesmo não sendo uma doença propriamente dita, leva a pessoa a se sentir mal, fraca, doente. A lesão é subjetivamente vivenciada por J. Alves como uma doença, na maneira pensada por Canguilhem (2005, p. 63): indo além da limitação do poder físico da pessoa, a doença é também um drama de sua história.

Quando um sujeito acidentado tem a possibilidade de ser atendido por um médico, ele passa por uma mudança em seu estado subjetivo. Ocorre a passagem do tempo da desesperança para o tempo da “esperança clínica” (COHN; HIRANO; KARSCH; SATO, 1985, p. 121). A pessoa que procura os serviços de um médico espera ser auxiliada, quer receber a cura¹⁷ para seu problema. No entanto, a relação entre médico e paciente pode

15 Como nos mostra Edmundo Fernandes Dias, a norma é uma convenção, não um fato de natureza (DIAS, 2012, p. 42). O indivíduo ou o grupo que detêm o poder fazem a norma e a normalidade, determinando assim o que é certo e o que é errado através de uma racionalidade imposta de cima para baixo. A norma é a instância que define as formas de intervenção das classes, dos indivíduos e das organizações no real (DIAS, 2012, p. 44). “As instituições, locus privilegiado das lutas de classe, criam uma série de mediações e de gestores para dar sentido e direção à racionalidade dos dominantes, visto ser impossível (mesmo sob as ditaduras) o domínio como pura coerção” (DIAS, 2012, p.44, grifos do autor).

16 Entre nós, o desviante, aquele que se encontra fora ou no limite da norma, é mantido no interior ou da ideologia médica ou da judiciária que conseguem contê-lo, explicá-lo e controlá-lo” (BASAGLIA apud DIAS, 2012, p. 44, grifos do autor).

17 A etimologia da palavra cura vai ao encontro das expectativas daqueles que procuram o médico: “curar é proteger,

configurar uma forma de dominação¹⁸. É o que acontece na relação estabelecida entre o médico Firmino e J. Alves. Mediante o poder gerado pela institucionalidade de sua condição de médico, Firmino lança mão da norma para submeter J. Alves a um tratamento inadequado e violento, que o nega enquanto sujeito capaz de expressar (CANGUILHEM apud JODELET, 2009, p.703) as características de seu problema de saúde e de sua dor. Assim, a narrativa dos acontecimentos que levaram ao acidente e a compreensão que J. Alves elaborou sobre a lesão são desdenhadas. Além disso, o descaso e a violência se mostram no procedimento escolhido pelo médico para examinar o paciente. Frente à incapacidade do trabalhador em realizar o procedimento, o problema de saúde é dado como inexistente. J. Alves é desqualificado e acusado de mentiroso.

A forma pela qual o supervisor, o advogado e o médico trataram J. Alves apresenta características comuns. Nos três casos, o trabalhador foi excluído do “âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra” (GONÇALVES FILHO, 1998, p.15), sendo impedido de se manifestar. Esse tipo de circunstância caracteriza uma situação de humilhação social, e leva a pessoa a sentir seu valor próprio ser rebaixado. Na trajetória institucional vivenciada por J. Alves fica evidente como profissionais de diferentes áreas, portadores de saberes distintos, podem se articular para a criação de uma malha normativa que deslegitima o trabalhador. Após ser despedido do emprego, usará o dinheiro dos direitos trabalhistas no pagamento de dívidas e na finalização da casa construída em regime de mutirão.

Aos trabalhadores, que são sujeitos que não detêm posses, resta apenas vender sua força corporal como mercadoria. Essa posição imposta pela sociedade de classes faz com que a saúde seja vista como uma virtude fundamental e de grande impacto na subjetividade. Em outras palavras, a segurança psicossocial dos trabalhadores anda junto com a saúde do corpo (GONÇALVES FILHO, 1998, p.26). A perda da força corporal fez de J. Alves um sujeito aflito, humilhado e coisificado. O resultado negativo das outras tentativas de se aposentar por invalidez reforçaram o mal-estar. Sua preocupação afeta a forma do relato, já que por três vezes a falta de perspectivas decorrente da condição de desempregado e inválido é mencionada. A repetição demonstra como a perda da capacidade de trabalhar atira o sujeito em uma situação inesperada, com a qual tem dificuldades de lidar. A ruptura na identidade de trabalhador deixou J. Alves desorientado, à deriva, sem saber o que fazer da vida.

A história de Zózimo

Neste momento a investigação se volta para a última parte do livro “A capital do automóvel: na voz dos operários”, de Antonio Possidonio Sampaio, nomeada pelo autor

defender, munir, quase militarmente, contra uma agressão ou uma sedição. A imagem do organismo aqui presente é a de uma cidade ameaçada por um inimigo exterior ou interior” (CANGUILHEM, 2005, p. 52). A noção de cura também se relaciona com o sentido de conservação e abrigo.

18 “Na produção de “diagnósticos”, o médico – “detentor de uma norma da qual o enfermo, a priori, resulta o infrator”, atua (consciente ou inconscientemente) na construção do ocultamento das contradições sociais” (DIAS, 2012, p. 45).

como “A voz dos novos”. É uma parte diferente das outras por se tratar do registro de um encontro de trabalhadores. O trabalhador que relata a mudança de vida trazida pelo acidente de trabalho não é amparado apenas pela presença de Antonio Possidonio Sampaio, mas também pelas presenças e intervenções de outros trabalhadores que ouvem e comentam sua narrativa. Há uma modificação no uso do testemunho aqui, pois a elaboração da experiência acontece de forma coletiva. O encontro de trabalhadores propicia um espaço de troca de experiências.

Meu objetivo ao investigar o encontro é discorrer sobre os aspectos terapêuticos e de formação política presentes na atividade. A conversa entre os trabalhadores permite que diferentes aspectos da vida cotidiana sejam expostos e debatidos, em um espaço onde todos os presentes podem falar, sugerir e discordar. Cada um deles contribui para a formação do outro, aumentando o repertório de saberes sobre a condição operária e também a consciência de classe. A meu ver, a situação apresenta o esforço desses homens e mulheres em se fazer como classe operária, é um exemplo de autoatividade da classe. Esta, na visão de Edward Palmer Thompson, “acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” (THOMPSON, 2004, p. 10). O historiador inglês enfatiza o sentido de partilha de experiência e de interesses que permite a formação da classe operária. São pessoas que fazem parte de uma mesma “comunidade de destino” (BOSI, 2004), pois experimentaram em seus corpos, subjetividades e em seu cotidiano o mal-estar e a violência trazidos pela posição que ocupam no sistema capitalista. Ao falarem entre si sobre esse universo comum conhecem mais, imaginam maneiras de ir além daquilo que está dado. A questão da mudança é fundamental para entender o relato do prensista acidentado Zózimo.

– Trabalho desde os dezesseis anos mas só agora que perdi este braço comecei a pensar na vida. Antes não me sobrava nem tempo de parar para pensar. Saía cedo de casa pra pegar às sete em São Bernardo. Largava às dezessete, mas quando comecei a fazer planos pra me casar, tive que trabalhar três horas extras por dia. Já ia ficar noivo quando numa boca de noite minha ilusão foi pro brejo. A prensa esmigalhou meu braço direito e tive vontade de sumir de casa, da frente da mina que namorava e dos conhecidos... Depois da alta, me deram este aparelho, mas foi duro, muito duro recuperar a vontade de viver. Ao retornar ao trabalho, entreguei uma carta do seguro ao departamento de pessoal, mas a recomendação pra me colocar num serviço compatível os homens não acataram não. E fui pra rua e até hoje não consegui o tal emprego compatível não. Lá no sindicato me disseram que nada podiam fazer contra os homens porque a lei não proíbe que o patrão mande o empregado acidentado embora. E agora to aí recebendo essa mixaria de auxílio-acidente, correspondente a 40 por cento do salário que ganhava no dia do acidente. Com os traçados que recebi do Fundo de Garantia, ainda pensei em comprar as coisas que eu precisava pra me casar, mas logo comecei a sentir que a mina já não era a mesma. Bem, também mudei bastante, nego não. E a vontade foi diminuindo, diminuindo, até que chegou um dia em que eu mesmo tomei a iniciativa: Olha,

nega, é melhor a gente pegar umas férias... Você fica livre que eu vou cuidar de mim. Ela sentiu muito, chorou, mas seis meses depois tava namorando com um cara lá da vila e até parece que vão se casar logo! (SAMPAIO, 1979, p. 83-84).

Como nos outros relatos investigados, o acidente de trabalho interrompe o desenrolar da vida, instaurando um marco material e simbólico. No caso de Zózimo, o acidente gerou uma desautomatização da apreensão do cotidiano, trazendo a possibilidade de reflexão sobre a relação com o trabalho. Antes do acontecimento inesperado, a organização social da existência estava marcada pela temporalidade imposta pela fábrica. Até o projeto de se casar, que deveria significar a abertura para novas experiências, teve como consequência o mergulho em uma relação mais estreita com a temporalidade regida pelo trabalho.

Com as horas extras Zózimo experimentou o processo de “aceleração” (KEHL, 2009, p.18) de seu modo de vida, fenômeno que tornou sua relação com o tempo ainda mais brutalizada¹⁹. Os aspectos negativos da velocidade dos acontecimentos da vida estão presentes no relato de Zózimo. Inicialmente o trabalhador se queixa que em sua rotina anterior ao acidente não lhe sobrava tempo de parar para pensar. É como se a vida psíquica de Zózimo estivesse sempre voltada para o desempenho necessário ao cumprimento de sua jornada como pensista. A falta de tempo para pensar sinaliza uma vida psíquica pobre, na qual o modo subjetivo que tem maior presença é a atenção. O trabalho com a máquina é o exemplo por excelência da relação da pessoa com a velocidade dos acontecimentos nas sociedades capitalistas. O trabalhador é obrigado a realizar os movimentos cobrados pela máquina na temporalidade inumana por ela ditada. Caso falhe, o castigo é imediato e doloroso. O mau encontro que revela a face mortífera da velocidade da vida chegou ao pensista na forma do acidente.

Zózimo não menciona a dor física em seu relato. São enfatizados os aspectos psicológicos. Após ter o braço “esmigalhado” sua vontade foi desaparecer, não mais ser visto pelos familiares, conhecidos e namorada. A grande dificuldade do rapaz de 22 anos foi recuperar a vontade de viver. Anteriormente defendi que a capacidade de trabalho é um dos principais alicerces da identidade de trabalhador. O acidente rouba subitamente essa característica e coloca a vítima em uma nova e desconhecida posição. A situação é traumática pela força do choque que invade o sistema perceptivo e traz grande dano ao corpo, e é traumática também pelo fato de inserir o trabalhador em um papel não previsto. Não sabendo como agir após o mau encontro, sentiu vontade de fugir.

O acidente na prensa tem uma especificidade em relação aos acidentes anteriormente discutidos. Ele alterou a imagem corporal²⁰ de Zózimo, que foi levado a utilizar

19 Para Maria Rita Kehl, a atual velocidade dos acontecimentos da vida é um grande problema, pois traz perigo físico e empobrece a vida psíquica dos sujeitos. A psicanalista diz que mal nos damos conta dela, “a banal velocidade da vida, até que algum mau encontro venha revelar a sua face mortífera. Mortífera não apenas contra a vida do corpo, em casos extremos, mas também contra a delicadeza inegociável da vida psíquica” (KEHL, 2009, p.17-18).

20 O psicólogo Alfredo Moffatt (1983b) diferencia o corpo da consciência. Esta, como vimos, é pontual e descontinua.

uma prótese para substituir o braço ofendido. Com o ferimento, o prensista passou a estranhar seu corpo, tendo de reestruturar a autopercepção corporal. Além disso, tornou-se portador de um estigma, um signo estranho que destoa do restante de seu corpo e remete à situação que o feriu. Ele foi inserido no grupo dos sujeitos que sofrem o efeito do fenômeno que Alfredo Moffatt denominou de transparência ou visibilidade social, ou seja, o grupo daqueles que podem ser identificados por um aspecto físico exterior (MOFFATT, 1983a, p.80). O estigma trazido pelo acidente contribuiu para o processo de dessocialização do trabalhador, que se viu impossibilitado de manter os marcos sociais que ancoravam o sentido de sua vida.

O processo de dessocialização se enlaça a questões materiais e afetivas, atirando o trabalhador em uma situação de desamparo²¹. A perda dos vínculos abala sua identidade de trabalhador e o obriga a rever seus projetos. A situação de Zózimo é recorrente no campo de estudos do testemunho²². No caso em questão, o encontro de trabalhadores potencializa a “dimensão terapêutica” (FERNANDES, 2001) presente na narrativa de testemunho por permitir ao narrador da experiência traumática ser ouvido por várias pessoas simultaneamente. Assim, a configuração criada pelo encontro de trabalhadores viabiliza a elaboração coletiva da experiência excessiva. Outro aspecto que reforça as possibilidades terapêuticas do encontro de trabalhadores é a horizontalidade da situação. Esta maneira de se comunicar está na contramão da relação vertical entre patrão e empregado que ocorre na fábrica, onde o primeiro manda e o outro obedece. Zózimo está com seus pares, sujeitos que conhecem a condição operária e são “detentores dos mesmos códigos de fala” (COSTA, 1989, p.41). Trata-se de uma situação que propicia o acolhimento, como pode ser percebido nas intervenções dos companheiros Amadeu e Marina²³. As intervenções dos outros trabalhadores envolvem Zózimo em um “sentimen-

É uma construção cultural imaginária, diferente a cada instante em que se sucede. Já o corpo é nossa dimensão no espaço, sua característica é a continuidade. Os psicólogos Enrique Pichon-Rivière e Ana Quiroga sustentam que o corpo é o lugar do sujeito, aquilo que lhe é mais próprio, menos alheio e menos antagônico (PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998, p.25). É através de nosso corpo que somos olhados pelas outras pessoas. Um ferimento traumático no corpo insere uma descontinuidade no sujeito.

- 21 A fábrica o descartou qual uma peça quebrada que não tem mais serventia; a lei que deveria garantir a realocação em um serviço compatível com seus problemas se mostrou ilusória; enfrentou o empobrecimento material trazido pela baixa remuneração do auxílio-acidente; sentiu-se incapaz de continuar o relacionamento amoroso.
- 22 Pessoas que passaram por uma experiência traumática como o acidente de trabalho sentem necessidade de falar, pois o exercício de dispor a lembrança do acontecimento de grandes proporções em um relato é uma maneira de organizá-lo, de criar para ele uma forma que o limite simbolicamente. Para que isso ocorra, é fundamental que a pessoa que está enfrentando o trauma encontre alguém disposto a ouvir a narrativa do infortúnio vivido. O contato entre narrador e ouvinte cria um espaço intersubjetivo que fortalece a pessoa oprimida, sendo instaurada uma situação de acolhimento.
- 23 Diz o primeiro: “-Também tive vontade de sumir quando fui acidentado...” (SAMPAIO, 1979, p.84). Já Marina, pergunta: “-E como você se sente?” (SAMPAIO, 1979, p.84). Amadeu se reconhece no depoimento de Zózimo, e propicia a ele um apoio para lidar com a sensação de outridade gerada pelo acidente. Na relação entre Zózimo e Amadeu o aspecto terapêutico da narrativa afeta narrador e ouvinte, pois ambos se reconhecem como vítimas da mesma forma de opressão. Quanto à indagação de Marina, ela ampara Zózimo em sua necessidade de narrar. A operária demonstra interesse em ouvir, quer saber como o prensista percebe a nova situação imposta pelo acidente.

to de pertença” (PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998, p.41) à classe trabalhadora, graças ao trabalho realizado a várias vozes e cuja forma remete ao mutirão. O efeito terapêutico do encontro de trabalhadores é reconhecido pelo pensista:

– Depois que desmanchei o namoro, senti bastante as coisas mudando. Mas quando comecei a frequentar o sindicato e a discutir com outros acidentados problemas que desconhecia antes, percebi que os velhos, meus irmãozinhos, minha irmã e os colegas não estavam contra mim não, como cheguei a pensar... (SAMPAIO, 1979, p. 87).

O encontro com outros trabalhadores aparece no relato como uma prática que barra o processo de dessocialização e reinsere Zózimo na vida social. Ao conversar com outros acidentados o pensista toma contato com novas questões e compreende melhor sua condição. Enrique Pichon-Rivière e Ana Quiroga veem como efeitos do sentimento de pertença a um grupo a obtenção de uma identidade e a superação da solidão e do desamparo (PICHON-RIVIÈRE; QUIROGA, 1998, p. 41). A superação mencionada pelos psicólogos pode ser percebida no momento em que Zózimo conta ter reavaliado as relações estranhadas que havia vivenciado com a família e colegas depois do acidente. Com a troca de experiências vivenciada nos encontros, Zózimo consegue elaborar sua situação e se transformar. O que está em jogo aqui é a reformulação de sua identidade²⁴. Esta, agora, também é orientada por seu pertencimento ao coletivo da classe trabalhadora. Os companheiros e companheiras de classe amparam o processo de construção de novos vínculos de sustentação do sentido da existência de Zózimo, possibilitando ao trabalhador enfrentar a situação traumática e retomar a vida.

Referências

ABRAMO, Laís Wendel. *O resgate da dignidade: greve metalúrgica e subjetividade operária*. Campinas: Unicamp, 1999.

ALMEIDA, Maurício Soares de. Prefácio. In: SAMPAIO, Antonio Possidonio. *A capital do automóvel: na voz dos operários*. São Paulo: Edições Populares, 1979.

BERLINK, Manoel Tosta (2000). Envelhecimento. In: _____. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, p. 193-198.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

24 O escritor Eduardo Galeano escreveu que a identidade não é uma peça de museu quietinha na vitrine, “mas a assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia” (GALEANO, 2005, p.123). Nesse sentido, a identidade é uma instância aberta ao movimento e à mudança, é a síntese dos aspectos antagônicos que perpassam a vida das pessoas, está sempre em construção.

CANDIDO, Antonio (2004). O direito à literatura. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, p. 169-191.

CANGUILHEM, Georges. *Escritos sobre medicina*. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

COHN, Amélia; KARSCH, Ursula; HIRANO, Sedi; KATO, Ademar. *Acidentes de trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COSTA, Jurandir Freire (1989). Psicoterapia e Doença dos Nervos. In:_____. *Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias*. Rio de Janeiro: Editora Campus, p. 17-39.

DAS, Veena (2011). O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, nº 37, p. 9-41.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

DIAS, Edmundo Fernandes. *Revolução passiva e modo de vida*. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2012.

FERNANDES, Heloísa Rodrigues (1991). Violência e modos de vida: “os Justiceiros”. *Revista crítica de ciências sociais*, nº 33, p. 135-144.

FERNANDES, Marco. *Luta, que cura!* (1ª parte). 22/05/2011. Passa Palavra. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/05/40157>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

GONÇALVES FILHO, José Moura (1998). *Humilhação social: um problema político em psicologia*. *Revista Usp*, v. 9, p. 11-67.

IANNI, Octavio. *A ditadura do grande capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

JODELET, Denise (2009). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, v. 24, n. 3, p. 679-712.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MELLO, Maria Conceição D’incao e. *O bóia-fria: acumulação e miséria*. Petrópolis: Vozes, 1976.

MOFFATT, Alfredo (1983^a). A cultura popular. In: _____. *Psicoterapia do oprimido*. São Paulo: Cortez, p. 71-94.

_____. *Terapia de crise: teoria temporal do psiquismo*. São Paulo: Cortez, 1983b.

_____. Entrevista. In: ADOUE, Silvia Beatriz; FERNANDES, Marco (2007). *Revista Sem Terra*, n. 39, p. 44-48.

PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique; QUIROGA, Ana Pampliega de. *Psicologia da vida cotidiana*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

POLLAK, Michel (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212.

RANDALL, Margareth (1992). ¿Qué es y cómo se hace un testimonio? *Revista de crítica literária latinoamericana*, año XVIII, p. 21-45.

SAMPAIO, Antonio Possidonio. *A capital do automóvel: na voz dos operários*. São Paulo: Edições Populares, 1979.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp, 1999.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VELHO, Gilberto. Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 27-55.

